



Muito mais do que uma esposa: vida-obra de Berta Ribeiro (1924-1997)

Bianca Luiza Freire de Castro França¹

RESUMO: O presente texto traz um breve panorama da trajetória de vida-obra da antropóloga Berta Ribeiro, companheira de Darcy Ribeiro. Através da análise teórico metodológica de sua obra, aponta semelhanças e diferenças entre a produção antropológica de Berta e Darcy, bem como traz uma breve análise dos trabalhos feitos em coautoria pelos antropólogos: o livro *Arte Plumária dos Índios Ka'apor* e a coletânea *Suma Etnológica Brasileira*.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia, Etnologia brasileira, Teoria antropológica, Trajetória de vida.

Much more than a wife: life-work of Berta Ribeiro (1924-1997)

ABSTRACT: This paper provides a brief overview of the life-work trajectory of the anthropologist Berta Ribeiro, partner of Darcy Ribeiro. Through the theoretical and methodological analysis of his work, it points out similarities and differences between the anthropological production of Berta and Darcy, as well as brings a brief analysis of the works done in co-authorship by the anthropologists: the book *Feather Art of the Ka'apor Indians* and the collection *Brazilian Ethnological Summa*.

KEYWORDS: Anthropology, Brazilian Ethnology, Anthropological theory, Life trajectory.

¹Doutora em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/ CPDOC-FGV), mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia (PPACT/ MAST), licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com especialização em Sociologia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e especialização em Docência pelo IFMG/ Arcos. Autora da tese "Uma Civilização Vegetal": A contribuição de Berta G. Ribeiro para a Antropologia brasileira no século XX, defendida no PPHPBC/CPDOC-FGV em agosto de 2023; e diretora/produtora do documentário "Para Berta, com amor", lançado em novembro de 2023. E-mail: bianca.castro.franca@gmail.com.

Introdução

20/ nov./1949 – Berta, abro este diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha mão e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pela floresta, visitando as aldeias índias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los viver, aprender com eles. DR. (RIBEIRO, 1996, p. 17)

Começo o artigo com a abertura de *Diários Índios*, o livro escrito por Darcy Ribeiro em forma de carta para sua companheira Berta, começa a ser escrito na década de 1940 e só será publicado em 1996, no ano seguinte ambos morreriam vitimados pelo câncer. Trata-se da publicação dos diários de campo de Darcy e é considerado por seu autor “a maior carta de amor de todos os tempos”. Ao iniciar dessa forma, convido que o leitor “pegue em nossas mãos” e venha percorrer um pouco da trajetória de Berta.

No ano do centenário do brilhante Darcy Ribeiro, lembrá-lo e comemorá-lo implica invocar a memória de sua companheira de vida e de campo, Berta Ribeiro. A romena de nascimento e mineira de coração, foi muito mais do que esposa de Darcy. Berta Gleizer Ribeiro foi uma antropóloga, etnóloga, pesquisadora, escritora, desbravadora incansável e militante apaixonada da causa indígena

A vida e obra de Berta e Darcy se misturam e se confundem ao ponto de Berta, por muitos anos, ter sido ofuscada pela presença e memória do marido. Principal interlocutora de Darcy, entre 1948 e 1974, Berta datilografou todos os manuscritos do antropólogo, dedicando-se principalmente durante o período do exílio à sua obra. Mesmo após o divórcio, continuou contribuindo com Darcy até a reaproximação do casal no final de suas vidas.

Apesar de discípula de Darcy, assim a considero pois Berta começa a fazer etnologia quando o acompanha no trabalho de campo entre os Kadiwéu, possuía interesses e metodologia própria e diferentes do antropólogo. “Ela é o único caso de antropólogo de sua geração com um interesse vívido pela cultura material e pelas formas de adaptação ecológica dos povos indígenas.” (RIBEIRO, 2012, p.124).

Enquanto Darcy se preocupava em criar uma lei geral para explicar a formação do povo brasileiro e uma teoria antropológica nacional, Berta focava no saber indígena através da produção de cultura material; das artes visuais indígenas; do domínio da etnobotânica; do manejo agrícola e hídrico e, principalmente, no uso social da tecnologia indígena. Berta acreditava que o emprego do conhecimento indígena pela sociedade ocidental poderia contribuir para um mundo mais sustentável.

Sabedora da importância de seus estudos e registros sobre os saberes dos indígenas brasileiros, não se deixava abalar pelos modismos e viradas teórico metodológicas da antropologia no Brasil. Assistiu às mudanças do foco antropológico nas décadas de 1960 e 1970, a dissociação entre museus e antropologia e a

institucionalização dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia no país, sem esmorecer de suas pesquisas.

Segundo Gonçalves (2000), a nova geração de antropólogos estava mais interessada nos aspectos dos novos temas que surgiam na etnologia brasileira e passavam a ser dominantes como: parentesco, cosmologia, sistemas classificatórios, construção da pessoa e estruturas sociais. Consciente de seu trabalho, Berta sempre procurou manter acesa a chama de seu interesse, persistindo por caminhos diversos para novas abordagens do conhecimento indígena brasileiro, através da antropologia, museologia (campo para o qual deu imensa contribuição com seu *Dicionário do Artesanato Indígena*, publicado em 1988), ecologia, etnobotânica e história.

Berta Ribeiro se dedicou ao campo antropológico através de um profundo trabalho de pesquisa sobre a história, cultura e diversos saberes dos indígenas brasileiros. Seus livros, artigos e exposições sobre a questão indígena somados ao acervo de objetos variados coletados pela antropóloga, formam um precioso legado para a antropologia brasileira.

Diante do exposto, o presente texto traz uma breve análise da contribuição antropológica mútua entre Berta e Darcy Ribeiro, através da análise de algumas publicações e vida-obra da antropóloga. Utilizo a expressão “vida-obra” apresentada por Oliveira (2020), pois não dissocio a obra de Berta de sua vida pessoal. Ela é um dos casos de pesquisadores e intelectuais dos quais a vida é apêndice de sua obra e vice-versa. Dessa forma, iremos rememorar Berta no centenário de Darcy Ribeiro.

Vida/obra de Berta Ribeiro (1924* – 1997+)

Berta Gleizer nasceu em uma família judia, em Beltz, Romênia, em 2 de outubro de 1924. Filha de Motel Gleizer e Rosa Sadovnic Gleizer, era a irmã caçula de Genny. Fugindo da perseguição antissemita e anticomunista na Europa, Motel se estabeleceu no Brasil em 1929, como comerciante no Rio de Janeiro, vindo sozinho para depois trazer a família. Segundo Amorim (1998), Motel Gleizer era líder sindical em Beltz e, ao chegar ao Brasil, se estabeleceu como pequeno comerciante na região da Praça XI, Centro do Rio de Janeiro. Após o suicídio da mãe, Genny (com 15 anos) e Berta (com 8 anos) vêm morar com o pai no Brasil, no ano de 1932, ficando na região da Praça XI junto à comunidade judaica local.

Em julho de 1935, Genny é presa em São Paulo, para onde se mudou a trabalho, acusada de participar da organização do Congresso da Juventude Comunista. Em outubro do mesmo ano, a irmã de Berta Ribeiro é banida do Brasil pelo governo de Getúlio Vargas, o caso provocou intensa mobilização pública². Motel Gleizer também foi expulso e banido, em 1936, morrendo na França, devido ao frio e à pobreza em que

² Para saber mais sobre o caso Genny Gleizer, ver: ANTÃO, 2017; BLAY, 1989.

se encontrava. Ele teria voltado para a Europa tentando reencontrar-se com Genny, porém, nunca conseguiu (AMORIM, 1998; BLAY, 1989).

Berta fica sozinha no Rio de Janeiro aos 11 anos de idade, morando com famílias judaicas da Praça XI e tutelada pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Segundo Amorim (1998), vivia uma vida às escondidas e estudava clandestinamente em uma escola de alfabetização de adultos, no período noturno. Tempos depois é levada para São Paulo para morar com a família Fridman, estudando na Escola do Comércio Álvares Penteado.

Em 1940, aos 16 anos, consegue um emprego de datilógrafa e aluga um quarto de pensão, passando a viver por conta própria. Quando passou a viver sozinha foi um dos momentos mais felizes de sua vida, “pois estava cansada de viver em casa alheias, embora amigas” (AMORIM, 1998. p.35).

Em 1946, aos 22 anos, durante um comício do Partido Comunista em São Paulo, Berta conheceu o jovem estudante de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), Darcy Ribeiro. Em seu livro póstumo *Confissões*, publicado em 2012, Darcy conta: “Conheci Berta num comício, quando pedi um cigarro a um companheiro que sustentava a outra vara da faixa que abríamos. Ela veio trazer. Nunca mais me deixou” (RIBEIRO, 2012, p. 122).

O Partido Comunista, zelando por Berta, interferiu muito em seu namoro com Darcy, chegando a enviá-la para o Rio de Janeiro para trabalhar no Comitê Central. Porém, o casal continuou namorando às escondidas. Quando o Partido Comunista descobriu novamente o namoro, enviou Berta para Nova York para passar uma temporada com a irmã, que passa a assinar como Jenny Simoza e possuía residência fixa nos EUA. Ao voltar para o Brasil, Berta vai direto ao encontro de Darcy que estava em trabalho de campo com os indígenas Kadiwéu, no Mato Grosso. Ali começou sua carreira como etnóloga, acompanhando-o por seis meses na pesquisa e auxiliando na redação dos livros sobre arte, religião e mitologia dos Kadiwéu publicados por Darcy.

Entre os anos de 1949 e 1951, recém-casada com o antropólogo, começou a acompanhá-lo no trabalho de campo, passando a assinar como Berta Ribeiro. Em suas viagens ao longo de sua carreira antropológica, Berta esteve entre os Kaingang no Sul do Brasil, os Kadiwéu e Terenas no Mato Grosso, os Ka’apor no Maranhão, os Yawalapiti, os Kayabi, os Juruna, os Araweté e os Asurini, todos esses no alto e médio Xingu. Essas experiências no Xingu foram relatadas, assim como as relações com os índios xinguanos, no livro *Diário do Xingu*, de 1979.

Continuadas as viagens de campo, em diferentes épocas, esteve entre os Tukano e Desana na região do alto Rio Negro. Em suas viagens aos Desana trabalhou por muito tempo com Luiz Gomes Lana e Firmiano Arantes Lana, apoiando a redação e ilustração de mitos para o livro *Antes o Mundo Não Existia: Mitologia dos Antigos. Desana-Kêhíripõrã/Tõrãmã Kêhíri*, foi publicado em junho de 1980. O trabalho com os

Lana, pioneiro na etnologia brasileira, reúne os mais importantes mitos da cultura Desana, na versão de um dos seus grupos de descendência, os *Kêhíripõrã*. Firmiano e Luiz (pai e filho) narram e ilustram os mitos reunidos e publicados por Berta que, ao contrário dos antropólogos de sua época, dá a autoria do livro para os indígenas ao invés de tomá-la para si como uma porta voz dos Desana entre os não-indígenas.

O seu contato com os indígenas no Xingu e no alto Rio Negro possibilitou a escrita de sua última obra *Os índios das Águas Pretas: Modo de produção e equipamento produtivo*, de 1995.

Formada em História e Geografia, na década de 1950, na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, incorporado posteriormente à Universidade Estadual da Guanabara, e depois à atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), começou a trabalhar como estagiária no Museu Nacional, em 1953. Fixou-se no estudo da cultura material dos povos indígenas brasileiros e no tratamento e conservação de coleções museográficas.

A partir desse trabalho de levantamento no Museu Nacional, começa a analisar a produção plumária dos indígenas brasileiros que se desdobrará em dois importantes textos que são considerados ferramentas de estudo e classificação desses adornos.

Berta deixava pistas de sua identificação com os etnólogos das primeiras décadas do século XX, em razão da sua opção pela descrição etnográfica no estilo de crônica de viagem. Amorim (1980) diz que a abordagem etnográfica, mais descritiva do que interpretativa, e a ênfase na cultura material, lembram a produção etnológica dos fins do século XIX e início do XX.

No ano de 1957, escreveu *Bases Para uma Classificação dos Adornos Plumários dos Índios do Brasil*. Trata-se de um estudo museológico e bibliográfico com uma classificação ergológica e de procedimentos técnicos envolvidos na produção de adornos plumários para a compreensão do conteúdo estético e da função desses adornos na vida dos índios brasileiros.

Foram selecionados adornos dos índios Urubus-Ka'apor, Munduruku, Karajá, Bororo, Guajajara, Tembé, Apiaká, Mawé, Araras, índios do Xingu, Tapirapé e Tukano. Após essa primeira publicação, Berta publica conjuntamente com Darcy Ribeiro, ainda em 1957, o livro *Arte Plumária dos Índios Ka'apor*, impresso nos EUA e distribuído no Brasil pela Editora Civilização Brasileira. Ilustrado com pranchas de Georgette Dumas, o livro traz um estudo aprofundado sobre a plumária dos indígenas Urubu-Ka'apor. O livro é uma importante ferramenta de classificação dos adornos plumários desses indígenas e recebeu o Prêmio João Ribeiro de ensaios, agraciado pela Associação Brasileira do Livro (ABL).

Em 1958, Berta mudou-se com Darcy Ribeiro para Brasília, interrompendo seus trabalhos no Museu Nacional. Colaborou com o marido e o antropólogo Eduardo Galvão no planejamento e implantação do departamento de antropologia na

Universidade de Brasília (UnB). Em 1964, com o Golpe Civil Militar brasileiro, foi para o exílio no Uruguai com Darcy, onde segundo ele em *Confissões*, Berta se dedicou à elaboração do conceito de transfiguração étnica que é apresentado no livro *Os índios e a civilização*, publicado da década de 1970.

A transfiguração étnica é a forma pela qual os povos surgem e se transformam através de forças biológicas, como as doenças e mudanças genéticas, e ecossociológicas, que são as mudanças de seu habitat e tecnologias produtivas (ex. o afastamento dos povos indígenas de suas terras devido à ocupação do agronegócio).

Berta e Darcy ficaram exilados no Uruguai (1964-1968), na Venezuela (1969), Chile (1971) e no Peru (1972). Durante esse período, Berta trabalhou na organização da documentação de Darcy e se tornou uma espécie de braço operacional de sua obra, além de sua principal interlocutora.

Segundo Darcy Ribeiro (2012), de volta do exílio, Berta retorna ao Museu Nacional na qualidade de pesquisadora independente e, depois, se torna naturalista contratada. Destacava-se por seu interesse pela cultura material do ponto de vista tecnológico, ergológico, funcional e artístico.

Em 1974, o casal Ribeiro se separa, porém, continuam trabalhando juntos até o final de suas vidas em várias coproduções, dentre as mais importantes a *Suma Etnológica Brasileira*, de 1987, edição brasileira do *Handbook of South American Indians*. Berta ficou responsável pela organização dos três primeiros volumes, além de coordenar a editoração e fazer importantes colaborações com quatro artigos, com estudos sobre o trançado e a produção têxtil indígena, entre outras análises sobre cultura material, sempre muito detalhistas e complexas etnograficamente. No “Caderno 7” de *Fazimentos*, Darcy diz que Berta coletou e reuniu todo o material iconográfico, elaborou textos, contactou os autores, além das editoras para viabilizar a publicação da obra.

Segundo Laraia (2008), após o divórcio, Berta fez tudo o que deixou de fazer enquanto casada com Darcy: fez o doutorado, fez concurso para titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publicou muitos artigos e livros, tudo isso quando Darcy já havia praticamente “parado” de fazer antropologia para se dedicar à vida política.

Em trecho de seu *curriculum vitae*, datado de 5 de maio de 1994, citado no “Caderno 7”, de *Fazimentos*, analisando os anos nos quais esteve em constante aprendizado e formação com Darcy, Berta diz:

Meu currículo revela um lapso de 18 anos, intervalo em que me desliguei do Museu Nacional. Embora não tenha podido realizar obra própria, acho que contribuí para a etnologia brasileira e para o que chamamos “causa indígena”, na medida em que ajudei Darcy Ribeiro em seus trabalhos, principalmente na série que ele intitulou Antropologia da Civilização escrita – com exceção de *Os índios e a civilização* – no exílio (FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO, 2009, p.17).

Em 1980, Berta doutorou-se em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Amadeu Lanna, com a tese intitulada *A Civilização da Palha*. Sua tese representa um dos mais completos e complexos estudos da cestaria indígena do alto Xingu e alto Rio Negro, abordando aspectos tecnológicos, produtivos e estéticos.

Também na década de 1980, prestou concurso e se tornou professora adjunta da Escola de Belas Artes da UFRJ, onde ministrou aulas no curso de Pós-Graduação em Antropologia da Arte, nas disciplinas de “Arte indígena no Brasil” e “Cultura material e arte étnica”, e orientou alunos dentro de sua especialidade.

Esteve, institucionalmente, associada ao Museu Nacional e ao Museu do Índio, nos quais atuou como pesquisadora e formou coleções etnográficas. Para o Museu Nacional, a aquisição de objetos fez parte das atividades do seu trabalho no Projeto Corpus Etnográfico do Alto Xingu e na pesquisa para sua tese.

O Projeto Corpus Etnográfico do Alto Xingu foi executado no Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional, entre os anos de 1977 e 1981, em convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e com coordenação de Maria Heloísa Fenelón Costa, então curadora do setor desde 1964. O projeto previa pesquisas etnográficas entre populações indígenas e regionais e, para isso, foi dividido em áreas gerando quatro subprojetos, o Subprojeto I – “Corpus Etnográfico do Alto Xingu” que se caracterizou por atividade própria da reserva técnica com organização de fichários e montagem de catálogo, fazia parte do trabalho de Berta Ribeiro no setor junto à organização de documentação.

Fátima Nascimento, que atuou como estagiária no projeto mencionado, aponta que “[...] A professora Berta Ribeiro se preocupava mais diretamente com os aspectos tecnológicos do estudo da cultura material e com suas posteriores imbricações ecológicas. [...]” (NASCIMENTO, 2009, p. 19). Os projetos de Berta, tanto o projeto do Alto Rio Negro que se transformou na exposição “Os Índios das Águas Pretas”, quanto o projeto de cestaria xinguana que se transformaria no livro *Diário do Xingu*, ambos de 1979, resultaram em coleções para o Museu Nacional.

Para o Museu do Índio, Berta formou uma coleção de 26 peças dos indígenas Araweté do Pará, e formou coleção com 44 objetos dos indígenas Asurini do Xingu para o Museu Paraense Emílio Goeldi. As coleções formadas são datadas de 1981. A formação de coleções dos indígenas os quais estudava constituía um de seus interesses capitais, pois a antropóloga lia os objetos, os registrava de forma minuciosa e os colecionava.

Berta esteve no Museu do Índio como servidora, trabalhando na chefia do Serviço de Museologia entre os anos 1985 e 1986 na gestão de Carlos Moreira Neto. Com o fim da gestão de Carlos Moreira, foi afastada da chefia e continuou como antropóloga e pesquisadora, já trabalhando na escrita do *Dicionário do Artesanato*

Indígena. Berta fazia levantamento das fichas catalográficas do museu, preparava os verbetes do dicionário a partir desse levantamento e organizava as ilustrações com o arquiteto Hamilton Botelho.

Entre 1978 e 1995, Berta teve uma enorme produção bibliográfica e intelectual, montando exposições dentro e fora do Brasil e participando da idealização do projeto do Museu do Índio de Brasília, atual Memorial dos Povos Indígenas, junto com o arquiteto Oscar Niemeyer, no texto *Museu do Índio, Brasília* publicado em 1988 é possível ler o plano diretor do museu. Berta armazenava cuidadosamente em sua casa em Copacabana, um acervo de, aproximadamente, quinhentas peças reunidas ao longo dos anos e com contribuições de Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão. Essas peças destinavam-se a viabilizar o acervo do Museu do Índio na capital federal.

Seu apartamento no Edifício Maíra, na rua Souza Lima, era um refúgio para Berta, que de sua máquina de escrever datilografava artigos, livros, mas também muitas correspondências aos amigos e interlocutores. Berta era exímia datilógrafa e uma trabalhadora voraz. Recebia alunos, orientandos, amigos e colegas de ofício em seu apartamento onde tinha muitos livros, seu acervo de objetos indígenas e um retrato seu pintado pelo artista plástico José Pancetti. O quadro ilustra a capa do livro *Antropólogas e Antropologia*, de Mariza Corrêa, publicado em 2003, e que tem sua dedicatória para Berta Ribeiro, Clara Galvão e Cecília Wagley.

Até 1997, ano em que um tumor cerebral maligno matou Berta, seus caminhos e interesses eram vastos: antropologia, ecologia, museologia, arte e cultura material indígena. Ao todo Berta produziu em sua carreira: 5 artigos em catálogos, 17 artigos em periódicos nacionais, 5 artigos em periódicos estrangeiros, 19 capítulos publicados em livros diversos, 9 livros publicados e 3 textos inéditos, dentre eles sua tese de doutorado. Segundo Amorim (1998), produziu um filme documentário sobre os Asurini e os Araweté e forneceu argumento e material para outro filme: “Gain Paña e a origem da pupunheira”, animação dirigida por Luiz Fernando Perazzo.

Berta recebeu reconhecimento da comunidade antropológica brasileira, ainda em vida, sendo homenageada mais de uma vez pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Também foi condecorada, em 1995, com a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico.

Ao final da vida, ambos acometidos pelo câncer (Darcy morreu em 17 de fevereiro de 1997 e Berta em 17 de novembro de 1997), voltaram a conviver e se (re)apaixonaram. Disse Darcy em *Confissões* que, após 25 anos de casados e 25 anos de separados, ambos voltaram a conviver de forma pacata e com muito amor. “Gosto de dizer que a estou namorando e dou beijos na boca. Também a peço em casamento. Ela aquiesce, mas quando ainda falava, dizia as suas amigas “Para casamento, Darcy não é confiável.”” (RIBEIRO, 2012, p. 126).

Segundo Amorim (1998), Berta sentia-se feliz, confortada e grata com o apoio de Darcy, a quem sempre amou apesar da separação, porém, desconfiava de suas declarações de amor, as quais Darcy tornou públicas em entrevistas concedidas à imprensa entre 1995 e 1996 e nos dois últimos livros: *Diários Índios* e *Confissões*.

Uma análise da contribuição antropológica de Berta e Darcy Ribeiro: proximidades e diferenças

Através da breve análise da contribuição antropológica mútua de Berta e Darcy Ribeiro, é possível demonstrar que há diferenças teóricas e metodológicas nas obras dos autores. Apesar de inserida na antropologia por Darcy ao aprender o ofício de etnógrafa em campo com ele, Berta possuía interesses e uma metodologia de pesquisa diferentes do marido.

Darcy buscava em sua obra antropológica, uma espécie de lei geral que explicasse a formação do povo brasileiro, sem excluir nenhuma raça ou cultura e sem separá-las em “caixas classificatórias”, como é possível observar em *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, de 1995.

Para Darcy, a visão romântica do índio intocado e original e a visão do índio assimilado à sociedade brasileira não correspondem à realidade que era da constante adaptação das culturas indígenas à cultura ocidental para sobreviver à violência colonial. Falava em “remanescentes tribais”, admitindo que haveria uma classificação, um tanto evolucionista, que admitia a presença de um estado de índio, porém, com uma queda em relação ao modelo original, ou seja, o que Darcy vai chamar de Matriz Tupi, que é o estado original no qual os indígenas brasileiros se encontravam antes da colonização. Essa Matriz Tupi, vai sofrendo com a colonização, o contato e a modernização causando a transfiguração étnica. O índio original se transfigura em um índio modificado pela colonização.

O trabalho de Berta, por sua vez, pode ser observado como focado nos saberes indígenas, principalmente na cultura material, e sua contribuição para a história e sociedade brasileiras, além de ser puramente etnográfico. Cabe ressaltar seu esforço para distinguir a que etnia corresponderia cada artefato no circuito de trocas, ou como o mesmo tipo de artefato era diferentemente confeccionado e os significados das peças para os grupos. Por isso, anotava minuciosamente, durante o trabalho de campo, tudo o que pudesse, por mais insignificante que parecesse. Ao mesmo tempo, procurava organizar seus dados de maneira a oferecer informações precisas, filtradas pelo seu próprio modo de vê-las e senti-las. A ciência de sua escrita é, antes de tudo, produção de documento histórico sobre os povos indígenas brasileiros.

Darcy, por sua vez, contava com a organização de Berta para organizar seus escritos. Por mais brilhante que fosse, sua obra era organizada, sistematizada,

datilografada por Berta, que fazia de forma exímia o trabalho de coordenação editorial para Darcy e para sua própria obra.

Berta dava muita ênfase à autonomia dos povos indígenas com os quais trabalhou. Acreditava que a manutenção de práticas culturais distintas era a única saída para esses povos. Segundo Botelho (2015), Berta tinha interesse pelo “sabor do saber indígena” e possuía uma habilidade para o trabalho que reunia diferentes sujeitos de conhecimento, incluindo nativos e antropólogos. Colocava em prática a relação incomum, na época, entre informantes e antropólogos: a colaboração.

Berta possuía interesse pelo saber indígena enquanto: 1) conhecimento indígena sobre a natureza e para “humanização da natureza” (práticas e cosmologias) – *Homo Ludens*; 2) conhecimentos antropológicos sobre os saberes e modos de fazer indígenas: gestos complexos e movimentos do trabalho artesanal, onde a cultura material é vista enquanto tecnologia – *Homo Faber*. Em *O índio brasileiro: homo faber, homo ludens* (1983), Berta Ribeiro diz que a face lúdica do índio brasileiro é aquela das atividades dedicadas à dança, canto, ornamentação do corpo e dos artefatos, enquanto sua face *Homo Faber* é sua especialidade, o legado indígena a cultura brasileira e universal, que é o saber, o conhecimento da natureza e do comportamento técnico do índio.

Em sua tese sobre a Civilização da Palha, de 1980, Berta afirma que o trabalho artesanal é, na verdade, um complexo de gestos e movimentos. Ao etnólogo cumpre registrá-los com a maior acuidade possível. E, ao tratar dos meios da produção indígena, se referia a uma “TecEconomia” e não à tecnologia, pois as ferramentas isoladas não fazem uma tecnologia. O termo tecnologia não inclui somente as máquinas e ferramentas utilizadas por certa cultura, mas também a forma pela qual elas são organizadas para uso e mesmo o conhecimento científico que as torna possíveis.

A classificação adotada em seu trabalho dava importância para a tecnologia e o estudo da evolução tecnológica para a compreensão da vida material de diferentes sociedades humanas. Seu trabalho dava valor à tecnologia produtiva como forma de adaptação ecológica, coesão social e sustentação identitária.

O que interessava à Berta eram as manifestações explícitas que revelam a influência indígena na cultura nacional. Para isso, ela vai tratar da formação histórica das “subculturas” regionais e da presença indígena, maior ou menor, em cada uma delas; e descrever os modos de produção e de transferência de técnicas adaptativas que incluem os modos de fazer, instituições, conhecimentos e crenças, diante do contato interétnico e da miscigenação.

Além da Tecnologia, Berta tinha interesse pela Etnobotânica e Ecologia. Seu livro *Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia*, de 1990, é ao mesmo tempo um guia da exposição “Amazônia Urgente”, montada na estação de metrô do Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. O livro constitui um enorme esforço para tornar visível a

história e drama da floresta amazônica e seus povos indígenas. Traz ideias claras sobre o equilíbrio ecológico ameaçado pelo progresso não adaptado. Utiliza uma abordagem interdisciplinar integrando a Geociência, a Biologia, a Antropologia e a História, numa abordagem que avança alternativas de manejo autossustentável para a Amazônia.

Berta em diversos textos de sua obra, trata dos conhecimentos dos indígenas acerca da flora e os usos das plantas desde aquelas destinadas à alimentação como frutas, raízes e vegetais diversos, bem como as plantas medicinais, alucinógenas, fibras têxteis, plantas tintórias, como o anil; plantas de uso industrial como a seringueira, dentre outras muitas variedades que servem aos saberes etnobotânico dos indígenas brasileiros.

Darcy afirmou que:

É de ressaltar aqui algumas qualidades específicas de Berta. Primeiro, seu simultâneo interesse pelas culturas indígenas e pelo destino dos índios. Segundo, seu respeito por seus informantes indígenas, que chega ao ponto de publicar um livro de mitologia em nome deles e lhes transferir os direitos autorais. Terceiro, sua ampla visão, que incorpora tudo que conhecemos sobre a sabedoria dos povos da floresta dentro do quadro da sociedade e da cultura brasileira, tema sobre o qual publicou vários livros. Inclusive seu texto “O índio na cultura brasileira”, que é o melhor com que contamos para uma visão panorâmica da contribuição indígena à nossa cultura. (RIBEIRO, 2012, p. 125)

Portanto, é possível afirmar que Berta e Darcy, a partir de suas aproximações e diferenças, contribuíram mutuamente e deixaram um imenso legado para a antropologia e etnologia brasileiras. Cada qual dentro de seus interesses, criaram ferramentas metodológicas e teóricas para compreensão da cultura, história e saberes dos indígenas brasileiros. Ao celebrar Darcy, celebramos Berta e vice-versa.

Reflexões finais

Este artigo se trata de uma homenagem à companheira de vida e de antropologia de Darcy Ribeiro, no centenário do antropólogo. Lembrar Darcy é falar, também, de Berta que terá seu centenário em 2024. Celebrar a obra de Darcy é celebrar Berta, pois ela contribuiu imensamente para a antropologia de Darcy. Mas ao rememorar Berta é importante frisar que Berta foi muito mais do que a esposa de Darcy Ribeiro.

Berta tratou da produção material, da história, contribuição dos índios e da dívida do Brasil para com os povos indígenas e como o uso de seu conhecimento ancestral e a aplicação social de sua tecnologia poderiam contribuir para a preservação do meio-ambiente e da sociedade como um todo. Foi visionária e pioneira em muitas de suas contribuições para os estudos de cultura material dos indígenas brasileiros e para os estudos de Tecnologia Indígena e Ecologia. Seu legado, ainda muito atual, deve ser levado a todos aqueles que possuem interesse pelos povos originários do Brasil.

O trabalho de Berta sobre a Adaptabilidade Humana (MORAN, 1994) através da produção de ferramentas e objetos utilitários e artísticos, do domínio dos recursos de fauna e flora nos trópicos úmidos entre os indígenas e como essa sabedoria pode ser empregada para a melhoria da vida na sociedade como um todo, e para a preservação ambiental, são temas caros para a Antropologia Ecológica surgida entre as décadas de 1950 e 1970 nos EUA a partir dos estudos de Julian Steward e Leslie White (NEVES, 1996).

Importante destacar que Berta apesar de ter aprendido antropologia com Darcy Ribeiro, era muito independente, tendo seus próprios interesses, criando sua própria metodologia de trabalho e abrindo seu caminho.

Na produção dos estudos de Adaptabilidade Humana no Brasil, pode ser contextualizada entre nomes importantes como Roquete Pinto, Castro Faria, Roberto Cardoso de Oliveira, dentre outros, que em seus estudos levaram em consideração os saberes indígenas e sua contribuição para a sociedade. Antes de Berta, na produção dos fins do século XIX e começo do XX, podemos citar nomes como de Raimundo Lopes, que trabalhava valorizando o “saber-fazer” indígena e as relações culturais/sociais que se estabeleciam em diferentes grupos e lugares (ALMEIDA & DOMINGUES, 2010). Nomes como o etnólogo Charles Wagley, com quem Berta chegou a trocar correspondências, e o etnólogo Castro Faria, que foi do Museu Nacional e um dos fundadores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do museu. Na época de Berta, já iam longe os trabalhos etnocientíficos, podendo citar nomes como os do engenheiro e naturalista Barbosa Rodrigues, passando pelo botânico italiano Adolpho Ducke, e o químico Paulo Carneiro, entre outros.

Berta era uma mulher entre todos esses nomes masculinos, a mulher ao lado de Darcy Ribeiro e que separada de Darcy continuou sua belíssima carreira. Refletir sobre a trajetória de Berta Ribeiro é refletir sobre um aspecto pouco reconhecido na história intelectual latino-americana: a participação das mulheres na construção das Ciências Sociais latinas. Como indica Corrêa (2003), as trajetórias de mulheres cientistas são por vezes negligenciadas na historiografia das Ciências, porém, o estudo destas trajetórias é capaz de demonstrar importantes formas pelas quais as disciplinas e instituições científicas se desenvolveram. E a vida-obra de Berta Ribeiro é uma importante contribuição para esses estudos de gênero na academia.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Wagner Berno de; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Orgs.). **Raimundo Lopes: dois estudos resgatados**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

ANTÃO, Ana Carolina da Cunha Borges. **Gênero, imigração e política: o caso da judia comunista Genny Gleizer no Governo Vargas (1932-1935)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

AMORIM, Maria Stella de. **Berta Ribeiro: Identidade Desana (Homenagem)**. Boletim da ABA, n. 29, 1998.

AMORIM, Maria Stella de. Resenha de Diários Índios. **O Globo**. 03 de fevereiro de 1980

BLAY, Eva Alterman. Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30. **Tempo Social**, n.1, v.1, 1989. p.105-130, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83335>. Acesso em: 31 de março de 2022

BOTELHO, Emilia Ulhoa. **Berta Gleizer Ribeiro: Afinidade e autonomia**. 2005. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2005.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogos e Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Fazimentos. **Caderno 7: Berta Ribeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009

GONÇALVES, Marco Antônio. **Contribuição de Berta Ribeiro à Antropologia Brasileira. Homenagem a Berta Ribeiro**. Fundação Darcy Ribeiro. 16 de outubro de 2000

LARAIA, Roque de Barros. Roque de Barros Laraia (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, **CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV)**, (1h 17min). Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas_sociais/roque_laraia/TranscricaoRoqueLaraia.pdf. Acesso em: 26 de março de 2022.

MORAN, Emílio F. **Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

NASCIMENTO, Fátima Regina. **A formação da coleção de indústria humana no Museu Nacional, século XIX**. 2009. (Tese Doutorado em Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2009

NEVES, Walter. **Antropologia Ecológica: um olhar materialista sobre as sociedades humanas**. São Paulo: Cortez, 1996

OLIVEIRA, Renata Cesar de. **Arte-Ciência: a influência da vida-obra de Marianne North**. In: Anais Eletrônicos 17º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 17º, 2020, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos. Pp.1-9. Disponível em: https://www.17snhct.sbhct.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1599791757_ARQUIVO_4515b942be29db2780e0cd9374341aa6.pdf. Acesso em: 28 de março de 2022.

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Arte plumária dos índios Ka'apor**. Rio de Janeiro: Seikel, 1957.

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira I: Etnobiologia Indígena**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986a.

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira II: Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986b.

RIBEIRO, Berta G; RIBEIRO, Darcy. **Suma Etnológica Brasileira III: Arte Índia**. Petrópolis: Vozes/Finep, 1986c.

RIBEIRO, Berta G. **Os Índios das Águas Pretas: Modo de produção e equipamento produtivo**. São Paulo: Companhia das Letras/EDUSP, 1995

RIBEIRO, Berta G. **Amazônia Urgente: Cinco séculos de história e ecologia.** Editora Itatiaia/EDUSP, 1990.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do Artesanato Indígena.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia/EDUSP, 1988.

RIBEIRO, Berta G. Museu do Índio, Brasília. **Cadernos RioArte**, 1987b.

RIBEIRO, Berta G. “O índio brasileiro: homo faber, homo ludens”. In: RIBEIRO, Berta G. **A Itália e o Brasil Indígena.** Rio de Janeiro: Index Editora, 1983

RIBEIRO, Berta G. **A Civilização da Palha: A arte do trançado dos índios do Brasil.** Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1980

RIBEIRO, Berta G. **Diário do Xingu.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RIBEIRO, Berta G. **Bases Para uma Classificação dos Adornos plumários dos Índios do Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivos do Museu Nacional, v. 43, 1957.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios. Os Urubus-Kaapor.** São Paulo, Companhia das Letras, 1996

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização - A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno.** - Edição brasileira (1ª): Editora Civilização Brasileira, Rio, 1970. - Edição brasileira (2ª a 5ª): Editora Vozes, Petrópolis, 1977/1986

KĚHÍRI, TÖRĂMĂ. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã / Törãmã Kêhíri, Umusi Pãrökumu; desenhos de Luiz e Feliciano Lana.** -- 1. ed. -- São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1980.